Universidade Federal do Pará

RNUFEN

PHENOMENOLOGY AND INTERDISCIPLINARITY

@Programa de Pós-graduação em Psicologia

DOI: 10.26823 / e-271784 / artigo de pesquisa VOL 18 • 2026

PROPÓSITOS DE VIDA DE HOMENS IDOSOS NO REGIME SEMIABERTO: ESTUDO QUALITATIVO

Life Purposes of Older Men in Semi-open Prison Regime: A Qualitative Study

Propósitos de Vida de Hombres Mayores en Régimen Semiabierto: Un Estudio Cualitativo



Joani de Nazaré Campos



Thamyris Maués dos Santos



Edson Júnior Silva da Cruz

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi compreender como homens idosos em regime semiaberto percebem e narram seus propósitos de vida e perspectivas de futuro, analisando fatores psicossociais que moldam tais percepções. Foi realizado estudo qualitativo, descritivo-interpretativo, com homens idosos em Unidade de Reinserção em Regime Semiaberto na Região Metropolitana de Belém-PA. Após realização de entrevistas semiestruturadas, foram identificadas cinco categorias: Aprendizados e mudanças, Casa e moradia, Cárcere e Esperança, Reconstrução da vida e Redenção religiosa. Os participantes formularam metas orientadas ao futuro e articularam esperança a planos factíveis, contudo, barreiras estruturais como documentação, renda, estigma e acesso a serviços tensionaram a execução destes projetos. Propósitos de vida são ancorados em infraestrutura de desistência que combina identidade reconfigurada, vínculos pró-sociais e rotinas estabilizadoras, com moradia e saúde como eixos centrais. São necessários planos de saída integrados para idosos a fim de transformar esperança em realização e favorecer a reintegração social na velhice.

Palavras-chave: Idoso, Prisões, Propósito de Vida, Reintegração Social

ABSTRACT

This study aimed to understand how older men serving sentences in a semi-open prison regime perceive and narrate their life purposes and prospects, analyzing the psychosocial factors that shape these perceptions. A qualitative, descriptive-interpretative study was conducted with older men in a Semi-Open Regime Reintegration Unit in the Metropolitan Region of Belém (Pará, Brazil). After semi-structured interviews, five categories were identified: Learning and change, House and housing, Prison and hope, Life reconstruction, and Religious redemption. Participants formulated future-oriented goals and articulated hope around feasible plans; however, structural barriers such as documentation, income, stigma, and access to services strained the execution of these projects. Life purpose is anchored in a desistance infrastructure that combines a reconfigured identity, prosocial bonds, and stabilizing routines, with housing and health as central axes. Integrated release plans for older adults are needed to turn hope into achievement and to foster social reintegration in old age.

Keywords: Aged, Prisons, Purpose in Life, Social Reintegration

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo comprender cómo hombres mayores en régimen semiabierto perciben y narran sus propósitos de vida y perspectivas de futuro, analizando los factores psicosociales que configuran estas percepciones. Se realizó un estudio cualitativo, descriptivo-interpretativo con hombres mayores en una Unidad de Reinserción en la Región Metropolitana de Belém (Brasil). Tras realizar entrevistas semiestructuradas, se identificaron cinco categorías: Aprendizajes y cambios, Casa y vivienda, Cárcel y esperanza, Reconstrucción de la vida y Redención religiosa. Los participantes formularon metas futuras articuladas a planes factibles; sin embargo,

barreras estructurales como documentación, ingresos, estigma y acceso a servicios dificultaron estos proyectos. El propósito de vida se ancla en una infraestructura de desistimiento que combina identidad reconfigurada, vínculos prosociales y rutinas estables, con vivienda y salud como ejes centrales. Son necesarios planes de salida integrados para transformar la esperanza en logros y favorecer la reintegración social en la vejez.
Palabras clave: Anciano, Prisiones, Propósito en la Vida, Reintegración Social

Introdução

Envelhecer, para muitos, significa projetar o futuro com autonomia, rotinas significativas e vínculos de apoio. Para pessoas idosas privadas de liberdade, porém, o curso da vida é reconfigurado por muros, regras e carências institucionais que tensionam direitos e possibilidades. Esse contraste torna o envelhecimento de homens no cárcere um desafio urgente de pesquisa e de política pública. A partir dos dados demográficos, o envelhecimento populacional é um fenômeno global que demanda a adaptação de estruturas sociais, políticas e institucionais. Nos países em desenvolvimento, costuma-se adotar o ponto de corte de 60 anos para a velhice, enquanto em países desenvolvidos este corte é de 65 anos (World Health Organization [WHO], 2015). No Brasil, este crescimento é expressivo: em 2022, 22.169.101 pessoas tinham 65 anos ou mais (10,9% da população), um aumento de 57,4% em relação a 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2023a, 2023b). Compreender o envelhecimento como processo multidimensional, biológico, psicológico e social é, portanto, imprescindível (Neri, 2006).

No sistema prisional, esse processo ocorre sob condições adversas. O número de pessoas idosas privadas de liberdade aumentou substancialmente nas últimas décadas. O ano de 2019 representou um crescimento acentuado na série histórica recente, com o total de 10.273 idosos de ambos os sexos em cárcere, com prevalência de pessoas do sexo masculino (Minayo & Constantino, 2023; Ministério da Justiça, 2019). A infraestrutura prisional, contudo, permanece pouco preparada para demandas típicas do envelhecimento, como manejo de doenças crônicas, mobilidade reduzida e necessidades psicossociais.

As consequências são amplas, com estudos que apontam aceleração do declínio físico e cognitivo, maior prevalência de depressão e ansiedade e manejo insuficiente de condições crônicas como hipertensão, diabetes e doenças cardiovasculares (Júnior, 2026; Júnior & Silva, 2022; Minayo & Constantino, 2023; Oliveira et al., 2013). A invisibilidade institucional reforça a marginalização, impondo barreiras ao acesso à saúde, educação, trabalho/estudo e oportunidades de reintegração (Santos & Nogueira, 2015).

No Brasil, os homens compõem a maioria absoluta da população prisional e respondem pelo maior crescimento relativo entre as pessoas idosas privadas de liberdade, inclusive nos regimes de progressão, como o semiaberto. A esse quadro soma-se o peso das normas de masculinidade hegemônica no ambiente prisional, que desencorajam a procura por cuidados em saúde mental e a

expressão de vulnerabilidades, criando obstáculos adicionais à construção de projetos de vida com sentido e à adesão a atividades socioeducativas (Courtenay, 2000; Fialho & Silva, 2026; Martins, 2025; WHO, 2014).

No regime semiaberto, a transição entre o intramuro e a comunidade cria um campo específico de tensões e possibilidades. A alternância entre restrição e maior circulação externa, a exigência de trabalho ou estudo, a fragilidade de redes de apoio e o estigma social incidem diretamente sobre como homens idosos projetam os futuros imediato e pós-pena. Nesta interface, o constructo "Propósito de vida" ganha centralidade pois evidências indicam que ter propósitos estáveis e socialmente orientados associa-se ao melhor bem-estar, maior engajamento em comportamentos saudáveis e melhor adaptação em contextos adversos (Damon et al., 2003; Frankl, 1946/2008a; Steger, 2012). Ao mesmo tempo, perdas funcionais, doenças crônicas, aposentadoria forçada e vínculos frágeis podem minar a construção e a manutenção de propósitos durante esta etapa da vida.

A fim de compreender as mudanças que ocorrem ao longo do desenvolvimento humano, o Paradigma *Life-Span* compreende o desenvolvimento ao longo de toda a vida como um processo multidimensional, multidirecional e plástico, resultante da interação dinâmica entre fatores biológicos, psicológicos e socioculturais (Baltes, 1987; Neri, 2006). Nesta perspectiva, a velhice não é um estágio terminal estático, mas sim um período com potencial de adaptação e construção de sentido. Contudo, em contextos de alta vulnerabilidade como o cárcere, as possibilidades de exercer tal plasticidade são tensionadas por restrições institucionais.

O modelo de Seleção, Otimização e Compensação (SOC) refina essa leitura ao descrever o funcionamento adaptativo da velhice como um arranjo entre três operações que se condicionam mutuamente. Selecionar significa priorizar metas e concentrar recursos que se tornaram escassos; otimizar supõe aperfeiçoar capacidades pela prática e por rotinas que dão previsibilidade ao cotidiano; compensar consiste em recorrer a estratégias alternativas quando uma perda ameaça aquilo que se quer preservar (Baltes & Smith, 2003a, 2003b; Neri, 2006).

A privação de liberdade e a carência de recursos para cuidar da saúde e do bem-estar podem esvaziar a experiência de propósito, na medida em que dificultam imaginar um futuro pós-cárcere que valha a pena perseguir. Entendido como o constructo que reúne direção, metas e motivação, o propósito de vida associa-se de modo consistente a desfechos mais favoráveis na velhice, entre eles o menor declínio cognitivo, a menor mortalidade e a melhor qualidade de vida (Boyle et al., 2010; Hill & Turiano, 2014; Ryff, 2014). Frankl (1959/2008b) já o situava como via privilegiada para a busca de sentido. A produção mais recente distingue o sentido, ligado à coerência e à compreensão da própria vida, do propósito, voltado à direção e às metas de longo prazo, sem deixar de tratá-los como faces que se sustentam (Steger, 2012). Ryff (1989, 2014) o incorpora como dimensão nuclear do bem-estar psicológico, ao passo que McKnight e Kashdan (2009) o descrevem como sistema autorregulatório que organiza metas e sustenta a motivação.

A trajetória dessas pessoas é frequentemente marcada pela dupla exclusão: pelo estigma

associado ao envelhecimento e pela condição de reclusão, que tende a afastar redes de apoio, negar direitos básicos e reduzir perspectivas de futuro. O propósito de vida, entendido como significado existencial e motivação para seguir adiante, torna-se central para a resiliência e influencia a capacidade de adaptação ao ambiente prisional. Assim, o objetivo deste estudo é compreender como homens idosos em cumprimento de pena no regime semiaberto constroem e experienciam o propósito de vida e a perspectiva de futuro, e quais fatores psicossociais influenciam estas percepções no ambiente prisional.

Metodologia

Delineamento

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, com abordagem descritiva e interpretativa.

Participantes

Participaram do estudo 10 homens idosos, com idades entre 61 e 75 anos, em cumprimento de pena no Sistema Penitenciário do Pará, especificamente na Unidade de Reinserção de Regime Semiaberto (URRS) de Santa Izabel, situada na Vila de Americano, município de Santa Izabel do Pará, Brasil. Foi utilizada amostragem intencional.

Quanto ao estado civil, quatro estavam em união estável, dois eram viúvos, dois estavam separados/divorciados, um era casado e um era solteiro. Observou-se baixa escolaridade: dois não alfabetizados, quatro com ensino fundamental incompleto, três com ensino fundamental completo e um com ensino médio completo. A naturalidade concentrou-se nas Regiões Norte e Nordeste, especificamente nos estados do Pará com sete participantes, Amazonas com um participante e Maranhão com dois participantes. Mais da metade dos participantes recebia visitas, enquanto quatro referiram não receber.

No tocante ao contexto prisional, os motivos de encarceramento incluíram majoritariamente crimes sexuais contra adultos (7) e contra menores (1), além de homicídio (1) e tráfico de drogas (1). O tempo de cumprimento da pena variou de 1 ano a 6 meses, com sentenças de 14 a 19 anos. Em termos de condições de saúde autorreferidas, foram mencionados hipertensão, gastrite, acidente vascular cerebral, distúrbios da tireoide, ansiedade/depressão, epilepsia, catarata, hérnia e sinusite, o que indica perfis com múltiplas comorbidades comuns ao envelhecimento e potencialmente agravadas pelo contexto de privação da liberdade.

Com relação aos critérios de inclusão ao estudo, foram selecionados idosos que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e que apresentavam capacidade cognitiva preservada, avaliada com base nas informações fornecidas pela equipe técnica da Unidade Prisional. Quanto aos critérios de exclusão, foram considerados: (1) idosos que apresentaram diagnóstico de comprometimento cognitivo severo ou condições de saúde que impediram sua participação; (2) recusa em fornecer o consentimento para participar da pesquisa; e (3) consideração, pela equipe técnica da Unidade Prisional, de que o potencial participante era incapaz de participar.

Instrumentos de pesquisa

Entrevista semiestruturada

Foi elaborado um roteiro de entrevista para abordar as percepções sobre propósito de vida, perspectiva de futuro, vivências no ambiente prisional, redes de suporte e estratégias de enfrentamento. As questões propostas foram: "Qual é a sua história de vida antes da prisão?"; "Como você descreveria sua experiência na prisão?"; "O que dá sentido à sua vida atualmente?"; "Quais são seus objetivos e metas após o cumprimento da Pena?" e "Quais são os principais desafios de envelhecer na prisão?". As entrevistas foram gravadas de acordo com a autorização da Unidade Penal e dos participantes, com transcrição integral para análise posterior.

Procedimentos de coleta de dados

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) conforme o CAAE nº 9003225.5.0000.0018 Foi realizada parceria com a Escola de Administração Penitenciária, da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária - SEAP, para organização e autorização da pesquisa na Unidade de Reinserção de Regime Semiaberto de Santa Izabel do Pará - URRS Santa Izabel. Os participantes foram informados sobre os objetivos, procedimentos e garantias de confidencialidade da pesquisa. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado antes do início das entrevistas.

As entrevistas individuais foram realizadas duas vezes por semana, no período da tarde, na Unidade Prisional, em ambiente privativo, de modo a garantir a privacidade dos participantes. Cada entrevista teve duração aproximada de 40 a 60 minutos.

Procedimentos de análise de dados

A análise dos dados foi conduzida em abordagem qualitativa com a categorização temática. Foi utilizado o *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) (Ratinaud, 2009) para análise textual e categorização das respostas. Para garantir a validade e confiabilidade dos dados, foram adotados os seguintes procedimentos: (1) triangulação de pesquisadores, com codificação inicial realizada por dois pesquisadores de modo a garantir a consistência na análise das categorias; (2) critérios de saturação teórica, com entrevistas realizadas até o não surgimento de novos elementos significativos nas categorias e subcategorias; e (3) confirmação pelos participantes, realizada a fim de confirmar a fidedignidade das interpretações.

Inicialmente, realizou-se a preparação do *corpus* (limpeza, padronização lexical e lematização), formado pelas transcrições das respostas dos participantes, seguida da análise de frequências e da geração de nuvens de palavras para a identificação de termos centrais. Em etapa subsequente, aplicou-se a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) para segmentação do *corpus* em classes

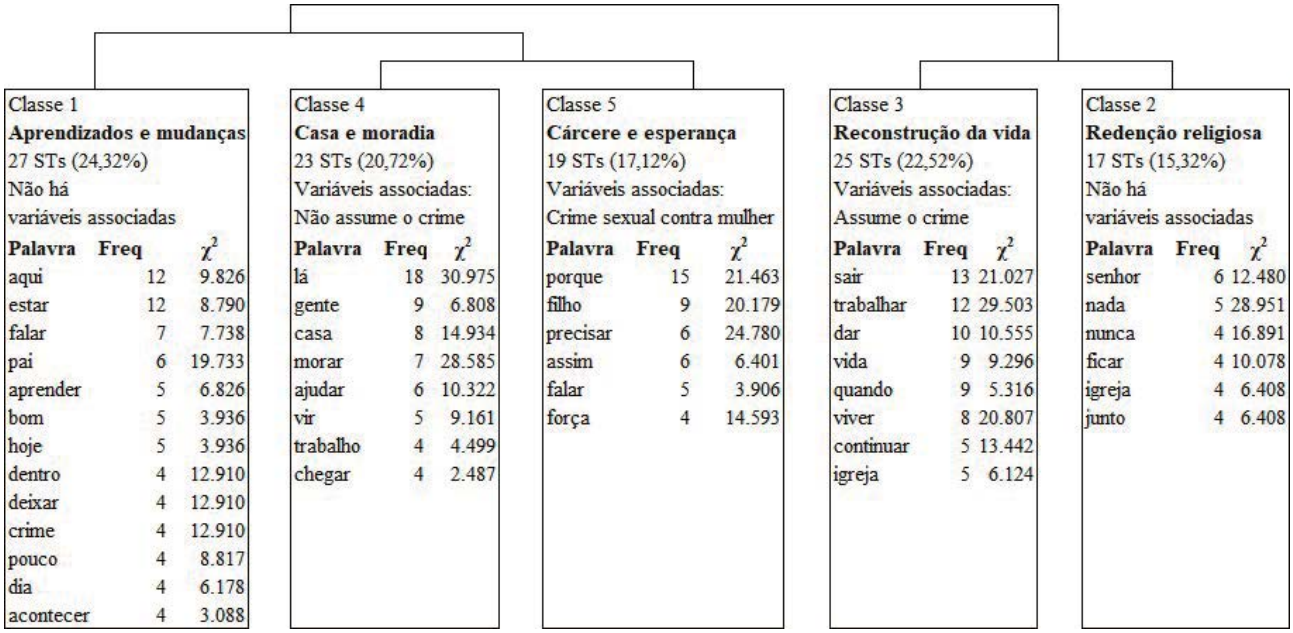
lexicalmente homogêneas, permitindo a identificação de categorias e subcategorias emergentes. Na CHD, conteúdos que apresentam semelhança são agrupados em classes que levam em conta a frequência e a associação estatística (Qui-quadrado). São incluídas palavras com frequência igual ou superior a quatro e qui- quadrado com significância estatística (maior que 3,84). A CHD permite que os conteúdos das classes sejam organizados pela oposição entre os temas (Polli et al., 2024; Souza et al., 2018).

Resultados e discussão

Foram utilizadas 10 respostas que deram origem a 157 segmentos de textos (ST), dos quais 111 (70,80%) foram utilizados na CHD. Apesar de a orientação geral ser a retenção de pelo menos 75% do material para a análise, em *corpora* de natureza oral, como os produzidos em entrevistas, um índice de aproveitamento de 70% é considerado satisfatório (Pélissier, 2017). O *corpus* foi formado por 5.313 ocorrências de palavras. As seguintes variáveis foram consideradas como descritivas: (1) assumir o crime, nas modalidades "sim" e "não"; e (2) tipo de crime cometido, nas modalidades "crime sexual contra criança", "crime sexual contra adolescente", "crime sexual contra mulher", "assassinato" e "tráfico de drogas".

Os resultados da CHD são apresentados no dendrograma (Figura 1), que aponta as classes e as relações estabelecidas entre elas. A Figura 1 indica a organização das classes, apresentando as principais palavras que compõem os segmentos de texto, a frequência, o valor do qui-quadrado e as variáveis associadas, quando houve.

Figura 1 – Dendrograma da CHD sobre o propósito de vida e perspectiva de futuro de idosos em contexto de cárcere.



A classe 1 aborda os aprendizados do cárcere e o desejo de mudança de vida. A classe 4 fala dos projetos para a reestruturação da casa e da moradia. A classe 5 trata da rotina no cárcere e da esperança de que lá fora seja diferente, indicando a expectativa de reconciliação com a família. A classe 3 fala dos projetos pessoais para quando saírem do cárcere, incluindo trabalhar, cuidar da saúde e mudar de vida para reestabelecer vínculos. A classe 2 aborda a ressignificação moral e religiosa da trajetória após o cárcere. A seguir, serão apresentados os resultados com base nas categorias formadas a partir das classes.

Aprendizados do cárcere e mudança de vida

Na categoria "Aprendizados do Cárcere e mudança de vida", os participantes falaram sobre a rotina no cárcere e como têm aprendido muitas coisas com a experiência: "*Eu quero colher coisas boas aqui de dentro. Apesar de ser um lugar terrível, um lugar enclausurado, fechado, mas eu quero colher coisas boas. Não quero colher coisas ruins*" (Participante 2).

A categoria também abrange conteúdos sobre o que esperam da vida lá fora. Alguns segmentos de texto trazem falas sobre o desejo de ter uma vida diferente ao sair e repassar o aprendizado a algumas pessoas da família:

> *Eu quero passar uma energia positiva não negativa pros meus netos. Quero passar uma energia positiva não negativa, porque eu vou falar: eu estava assim, eu menti, eu fui desobediente aos meus pais, aconteceu assim. Você não pode ser desobediente aos seus pais, você vai só quebrar a cara, hoje em dia o crime não compensa* (Participante 4).

Os relatos evidenciam aprendizagem transformadora, com reinterpretação biográfica e disposição para mudar de perspectiva. Ao narrarem dilemas que desorganizam certezas e ao refletirem criticamente sobre a própria trajetória, os participantes descrevem o tipo de transformação dos referenciais de significado que Mezirow (2018) associa à aprendizagem transformadora.

Os participantes também relatam ganhos de autorregulação impulsionados pela rotina institucional, que sugerem fortalecimento do autocontrole e do monitoramento atencional, em diálogo com a literatura sobre autorregulação (Baumeister & Vohs, 2016) e sobre perseverança em contextos adversos (Duckworth, 2016). Convém ponderar, com Goffman (1961/2008), o papel da institucionalização, já que rotinas dessa natureza tanto podem promover habilidades socioemocionais internalizadas quanto refletir a conformidade situacional típica das instituições totais.

Destaca-se conteúdo de agência moral e intenção de "virar a página", típico de narrativas de desistência do crime. As declarações coadunam-se com as narrativas redentoras que ancoram a desistência (Maruna, 2001) e com modelos de transformação cognitiva que incorporam abertura à mudança, ganchos para a mudança e redefinição identitária (Giordano et al., 2002).

A intenção de aconselhar familiares, sobretudo filhos e netos, funciona como reforço normativo e como compromisso com o futuro. Quando os Participantes 3 e 4 insistem em "*aconselhar*

a família", "passar energia positiva" e em lembrar que *"o crime não compensa"*, reafirmam laços e obrigações que sustentam trajetórias convencionais, em linha com a teoria dos vínculos sociais (Hirschi, 1969) e com evidências de que o suporte familiar e comunitário é central para evitar a reincidência (McNeill, 2016, 2018).

Os trechos que destacam *"focar no que é de bom [...] nossas atribulações vão vir, mas [...] descartar o que não presta"* (Participante 10), também revelam uma postura de *coping* que combina positividade e ressignificação do sofrimento. Esta orientação é consistente com o *coping* religioso/espiritual como fonte de sentido, controle secundário e esperança (Pargament, 1997), bem como com a noção de sentido de coerência que favorece a adaptação em contextos adversos (Antonovsky, 1996, 2014b). Em populações prisionais, espiritualidade e práticas de fé têm sido associadas à motivação para mudança e à manutenção da desistência (McNeill, 2018).

Os estudos de Júnior e Silva (2022) e Junior et al. (2025) identificam a emergência do idoso preso como mentor, o avô experiente que orienta os mais jovens, e os dados aqui reunidos seguem a mesma direção: aconselhar filhos e netos opera como mecanismo de reconfiguração identitária e de reforço dos vínculos familiares. Ao converter experiência em orientação intergeracional, o idoso mantém a família como eixo de referência e consolida compromissos pró-sociais, tanto na instituição quanto na preparação do pós-egresso. Lido pela teoria dos vínculos sociais (Hirschi, 1969) e pelo modelo SOC (Baltes & Smith, 2003a, 2003b), esse papel de mentoria converte perdas contextuais em contribuição moral e ajuda a sustentar as mudanças desejadas (McNeill, 2016).

Casa e moradia

Esta categoria faz referência aos projetos para quando deixarem o cárcere, com conteúdo mencionado principalmente pelos participantes que não assumem a autoria do crime pelo qual foram condenados. A categoria trata do desejo de arrumar a casa, mudar de cidade ou ir para o interior, ou ainda ajudar a filha a ter uma casa, destacando planos sobre onde ou com quem vão morar ao sair da prisão:

> *E até falou com a família dela, que a gente pretende ir pra lá muito em breve, pra construir uma casinha lá. Inclusive as tias dela (esposa) já disseram que tem um terreno lá pra gente, pra gente construir. Eu gostei da iniciativa da família dela, que vão dar esse apoio, esse terreno aí. Eu pretendo entrar com o material de construção e construir lá uma casinha pra a gente e futuramente sair dali do barulho de Ananindeua* (Participante 2).

Os planos de moradia articulam a reconstrução de identidades convencionais (pai, cônjuge, provedor). O Participante 9 declara: *"Eu quero me aposentar pra poder ajudar minha filha"*, ao passo que o Participante 1 enfatiza *"a minha esposa"*. O foco em prover e "arrumar a casa" constitui narrativa de respeitabilidade que enfrenta o estigma penal por meio de papéis legítimos (Goffman, 1961/2008) e de compromissos familiares protetivos na desistência do crime (Hirschi, 1969; McNeill, 2018).

A escolha por *"morar só"* (Participante 8) expressa busca de autonomia para gerir rotinas e reduzir conflitos familiares, podendo favorecer autorregulação e manutenção de metas pró-sociais. Tal decisão combina-se à delimitação de fronteiras como "não vou morar junto com ninguém", compatível com estratégias de autocontrole e prevenção de exposição a gatilhos relacionais (Baumeister & Vohs, 2016). A autonomia residencial pode, assim, mediar a transição entre disciplina externa e agência pessoal na liberdade (Crewe, 2016).

A estabilidade residencial aparece como o alicerce sobre o qual se assentam as demais dimensões, do trabalho à saúde e aos laços relacionais. Ao falarem em *"ajeitar a casa"* (Participante 1) e em *"construir uma casinha"* (Participante 2), os participantes apresentam a moradia como o primeiro passo da vida em liberdade. A literatura de reentrada confirma essa centralidade: a moradia estável organiza rotinas, reduz estressores cotidianos e viabiliza o acesso a serviços de saúde, assistência e qualificação, o que favorece a manutenção do emprego e a recomposição de vínculos. Daí a noção de infraestrutura de desistência, o conjunto mínimo de condições materiais e relacionais, ancorado na casa, que cria previsibilidade e oportunidades para sustentar a mudança (Farrall et al., 2014; McNeill, 2018).

Cárcere, esperança e reconciliação familiar

A categoria "Cárcere, esperança e reconciliação familiar" aborda a experiência do cárcere, a esperança de uma vida diferente após a saída e a busca por reconciliação com a família. Seu conteúdo foi mencionado principalmente pelos participantes que cometeram crime sexual contra mulher: *"eu precisei chegar até aqui pra saber como é o inferno, porque você sabendo como é o inferno, a senhora sabendo como é o inferno, a senhora não vai querer mais voltar"* (Participante 5).

Alguns trechos ilustram a preocupação em mudar o comportamento após a saída, pedindo perdão e buscando ajudar ou se reconciliar com a família: *"lá fora eu quero me comportar melhor, porque através da minha vista acabou isso. Na minha vida não vai acontecer mais. Eu quero a minha convivência com a minha família e meus filhos e com a minha filha"* (Participante 3); *"eu tenho mais que fortalecer, porque eu ainda tenho muito que ajudar a minha família. Eu tenho meus cinco netos que precisam ainda de ajuda. Dar uma força pra minha filha criar esses meninos"* (Participante 9).

Os resultados indicam que o cárcere funciona como uma instituição total (Goffman, 1961/2008), regida por códigos informais e por uma vigilância entre pares que impõem silêncio, observação e deferência às hierarquias em que *"os presos mais antigos é que mandam [...] saber entrar, saber sair"* (Participante 2).

Os achados revelam que a experiência prisional é vivida como sofrimento extremo e privação material, descrita por participantes como um *"inferno"* marcado por *"condições inadequadas"*, como a *"alimentação insuficiente"* (Participantes 5 e 7). Este padecimento é frequentemente ressignificado como aprendizado negativo, sustentando uma retórica dissuasória de "não querer voltar", próxima de pontos de virada ancorados em choques morais (Laub & Sampson, 2003; Maruna, 2001). Os

resultados mostram a recorrência de metas como *"comportar melhor"*, *"ajeitar a vida"* e *"abraçar meus filhos"* (Participantes 3 e 7), revelando uma esperança orientada a objetivos tangíveis que compõem uma infraestrutura de desistência ancorada na família, em rotinas e em condutas pró-sociais (Farrall et al., 2019; McNeill, 2018).

A religiosidade emerge como recurso de *coping* e sustentação da esperança, evidenciada na busca de *"forças pra Deus"* em contexto de isolamento e ausência de visitas (Participante 8). O *coping* religioso/espiritual pode favorecer a tolerância ao estresse e a produção de sentido, mantendo a motivação para a mudança (Antonovsky, 1987/2014a; Pargament, 1997). Sob a lente *life-span*, a espiritualidade compensa perdas de controle primário, preservando propósito e regulação emocional (Heckhausen et al., 2010).

De acordo com estudos de Santos e Nogueira (2015), recomeçar no âmbito familiar após o cumprimento da pena revela-se central para a reconstrução de vínculos e projetos de vida. A família funciona como eixo de referência a partir do qual seus membros elaboram e regulam suas relações sociais, organizando-se em torno de objetivos compartilhados, conformes à realidade em que estão inseridos. Neste contexto, as múltiplas configurações familiares evidenciam o lugar de valor ocupado pela família e por seus modelos em determinada sociedade.

Reconstrução da vida: trabalho, saúde e vínculos

Esta categoria reúne falas que tratam da intenção de reconstruir a vida ao sair da prisão. Destacam a intenção de trabalhar, cuidar da saúde, reestabelecer vínculos importantes e aproveitar a vida. Seu conteúdo foi enunciado principalmente por participantes que assumem a responsabilidade pelo cometimento do crime.

> *Eu quero botar a dignidade da minha vida. Enquanto há vida, há esperança e é isso que eu quero. Trabalhar, como eu continuo trabalhando aqui no cárcere. É trabalhar, porque tem muitas pessoas que acham que está velho, não deve trabalhar, não deve fazer o exercício. E eu passo isso para qualquer pessoa, que a gente com a idade que eu tenho, pelo menos, quando eu trabalho eu fico mais feliz, eu me solto mais, eu fico mais alegre, eu faço exercício trabalhando. Eu gosto de trabalhar em enxada, serviço pesado, então eu fico feliz [...] eu quero sair e trabalhar* (Participante 4).

A categoria "Reconstrução da vida: trabalho, saúde e vínculos" concentra narrativas de recomeço pós-cárcere, caracterizadas por verbos de ação e prospecção ("sair", "trabalhar", "continuar", "viver") e por ênfase explícita na assunção de responsabilidade pelo crime. Os participantes delineiam projetos de vida com objetivos concretos como: trabalho, mudança para o interior, regularização de renda e aposentadoria, articulados a compromissos relacionais, como manter o casamento e retomar a convivência familiar.

O trabalho é apresentado simultaneamente como fonte de dignidade em "botar a dignidade da minha vida", de bem-estar físico e emocional em "fico mais feliz", "exercício trabalhando" e de

estruturação do cotidiano em "chegar lá fora, continuar trabalhando". A centralidade ocupacional cumpre papel de regulação do tempo e de ancoragem identitária, mitigando o vazio pós-egresso que pode favorecer recaídas e ampliando o capital moral e relacional (Hirschi, 1969; Maruna, 2001; McNeill 2016).

Cuidar da saúde aparece como prioridade explícita, ligada à melhoria da alimentação, ao retorno de hábitos e à recuperação da vitalidade. A saúde é, ao mesmo tempo, condição para viabilizar o plano de reinserção e um fim em si mesma, o que revela sensibilidade ao desgaste físico e psíquico do encarceramento e à necessidade de reconstruir capacidades funcionais. Em termos do paradigma *life-span*, os participantes selecionam os domínios críticos diante de recursos limitados de tempo, energia e condição clínica, otimizam o que lhes resta por meio de rotinas de autocuidado e compensam as perdas recorrendo a serviços de reabilitação, manejo de doenças crônicas e adesão medicamentosa (Baltes et al., 2006).

Os relatos evidenciam o reatamento de vínculos conjugais e familiares, com reconhecimento de falhas passadas e compromisso com a mudança, como em *"o errado era eu, ela estava certa"*. Essa corresponsabilização restaura a confiança e funciona como monitoramento afetivo, próprio dos processos de desistência ancorados em laços significativos (Hirschi, 1969; McNeill, 2018). A esperança assume caráter pragmático, combinando confiança de base religiosa e passos concretos, como aceitar *"qualquer trabalho que vier"* e organizar renda e aposentadoria.

A classe é predominantemente narrada por participantes que assumem responsabilidade pelo delito, vinculando este reconhecimento a aprendizados práticos, como a disposição para respeitar limites e consensos em "quando ela disser não eu vou concordar com ela". O reconhecimento da responsabilidade, nessas falas, sustenta um plano de mudança que reúne reparação cotidiana, autocontrole e compromisso com terceiros (Maruna, 2001; McNeill, 2018).

Redenção religiosa

A categoria "Redenção religiosa" é formada por trechos que expressam a ressignificação moral e religiosa da trajetória após o cárcere, como ilustrado a seguir: *"eu nunca fui pessoa assim de confusão, de brigar beber, eu não bebo. Eu sou evangélico, sou da igreja Quadrangular, frequento uma igreja e sou uma pessoa de bem. Nunca aconteceu nada de errado na minha vida*" (Participante 2).

> *Eu era muito conhecido em Ananindeua, muito conhecido. Mas assim, porque eu não estou mais na Quadrangular, eu já me desliguei. Eu estou agora em uma outra igreja, denominada Igreja Batista Deus é Fiel, que é da raiz da igreja Batista ela, mas a Igreja Deus é Fiel de Icoaraci. Então vou recomeçar por lá já me afiliei a igreja, já estou todo documentado, só falta só eu me desprender do cárcere, que é pra mim ir se apresentar na convenção e continuar no ministério. Não vai ser fácil, não vai ser fácil* (Participante 6).

Os relatos apontam a fé como eixo de reconstrução da moral, com forte ênfase na autoidentificação religiosa e na reivindicação de respeitabilidade em "sou evangélico", "pessoa

de bem", mesmo em contexto de encarceramento. A narrativa redentora fornece um roteiro de mudança e uma identidade positiva em "convertido" e "pastor" que contrabalança o estigma e legitima projetos futuros. Este plano, amplamente descrito na literatura a respeito de desistência, opera como mecanismo de ressignificação do passado e de orientação do futuro, no qual o sujeito busca "fazer o bem" para reafirmar quem se tornou (Maruna, 2001; McNeill, 2018; Pargament, 1997).

No conjunto, as respostas dos participantes sobre seus objetivos após a saída mostram que, qualquer que seja a idade, todos projetam o futuro. Eles falam da vida na prisão e das lições que dela extraíram, e há quem deseje compartilhá-las com a família. A igreja ocupa lugar relevante para muitos, que descrevem o apoio da religião e a intenção de buscar o perdão divino. Entre os projetos de futuro, sobressai a preocupação com a moradia, com onde e com quem se vai viver depois do cárcere.

Muito embora as pessoas idosas encarceradas vivenciem processos de sujeição, emergem histórias e enfrentamentos que sinalizam estratégias de busca de reconhecimento e de reconstrução identitária. Estas brechas de agência mostram que, mesmo em contextos de elevada restrição, os idosos articulam formas de resistir ao apagamento e de reivindicar dignidade, ainda que de maneira fragmentada e intermitente (Lima et al., 2021).

Considerações finais

As cinco categorias mostram propósitos organizados como projetos pragmáticos de reconstrução, sustentados por três movimentos que se entrelaçam: a reestruturação identitária e moral, a reconfiguração de laços e papéis sociais e a estabilização da vida por rotinas significativas, como o trabalho, o cuidado em saúde e a participação religiosa e comunitária. Tomados em conjunto, esses movimentos aproximam intenção e ação e convertem a esperança em metas factíveis e socialmente reconhecidas, em diálogo com a literatura sobre desistência do crime, autocontrole e *coping* religioso.

O modelo de Seleção, Otimização e Compensação e o ajuste de metas ao longo do ciclo vital ajudam a ler essa arquitetura. Os participantes selecionam metas de alto valor emocional e normativo, como reparar danos, recompor vínculos e manter cuidados em saúde, e as traduzem em alvos observáveis, da regularização documental aos pactos familiares. Investem em rotinas que ampliam competência e previsibilidade, da adesão a tratamentos à frequência a cultos e grupos de apoio. E compensam as perdas associadas à idade, ao estigma e às barreiras institucionais com o amparo da família, da igreja e dos serviços de saúde, além de recursos identitários, como as narrativas de redenção, que suplementam capacidades reduzidas.

Este estudo baseia-se em amostra reduzida e localizada, com dados autorrelatados, coletados em recorte transversal e sujeitos a desejabilidade social, sem triangulação sistemática com registros administrativos, familiares ou equipes técnicas. A heterogeneidade do envelhecimento no cárcere, funcionalidade, multimorbidades, gênero, raça/cor, trajetórias de vida e vínculos prévios não foram

plenamente explorados. Assim, as interpretações devem ser lidas como inferências analíticas situadas, úteis para geração de hipóteses, não para estimativa de efeitos causais.

A proteção da população idosa no cárcere exige políticas públicas específicas e urgentes. Entre as medidas necessárias estão a criação de unidades ou alas adaptadas à velhice, a oferta contínua de assistência psicológica e social e a garantia de acesso qualificado ao Sistema Único de Saúde, com referência em atenção primária, saúde mental e manejo de condições crônicas. A essas providências soma-se a construção de estratégias consistentes de reintegração, capazes de fortalecer os vínculos familiares e de oferecer ocupação pós-pena compatível com a capacidade funcional, de modo que os processos de seleção, otimização e compensação se convertam em trajetórias factíveis de inclusão.

Cabe também à sociedade e à opinião pública reconhecer a legitimidade do tratamento humanitário das pessoas privadas de liberdade e abrir a realidade prisional à participação comunitária. Esse reconhecimento ajuda a desfazer os estereótipos que reforçam o estigma, dificultam a reentrada e minam a agência individual. Ao apartar o apenado da vida social, o modelo prisional tradicional aprofunda a exclusão; políticas de portas de saída e de envolvimento comunitário podem inverter esse curso, aproximando expectativas, oportunidades e responsabilidades.

Referências

Antonovsky, A. (1996). The salutogenic model as a theory to guide health promotion. *Health Promotion International, 11*(1), 11–18. https://doi.org/10.1093/heapro/11.1.11

Antonovsky, A. (2014a). *Em busca da saúde: a visão salutogênica* (M. Barros, Trad.). Ideias & Letras. (Trabalho original publicado em 1987).

Antonovsky, A. (2014b). O sentido de coerência como base da saúde. In D. C. Campos (Org.), *Psicologia da saúde: teoria, intervenção e pesquisa* (pp. 115–134). Artmed.

Baltes, P. B. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: on the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology, 23(5), 611*–626. https://doi.org/10.1037/0012-1649.23.5.611

Baltes, P. B., Lindenberger, U., & Staudinger, U. M. (2006). Life-span theory in developmental psychology. In R. M. Lerner (ed.*), Handbook of child psychology: theoretical models of human development* (Vol. 1, pp. 1029–1143). https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0111

Baltes, P. B., & Smith, J. (2003a). New frontiers in the future of aging: from successful aging of the young old to the dilemmas of the fourth age. *Gerontology, 49*(2), 123–135. https://doi.org/10.1159/000067946

Baltes, P. B., & Smith, J. (2003b). New frontiers in successful aging: Balancing gains and losses. In U. M. Staudinger & U. Lindenberger (Eds.), *Understanding human development: dialogues with lifespan psychology* (pp. 359–375). Springer. https://doi.org/10.1007/978-1-4615-0357-6_18

Baumeister, R. F., & Vohs, K. D. (2016). Strength model of self-regulation as limited resource: Assessment, controversies, update. In K. D. Vohs, & R. F. Baumeister (Eds.), *Handbook of self-regulation: research, theory, and applications* (2nd ed., pp. 68–85). Guilford Press.

Boyle, P. A., Buchman, A. S., Barnes, L. L., & Bennett, D. A. (2010). Effect of a purpose in life on risk of incident Alzheimer disease and mild cognitive impairment in community-dwelling older persons. *Archives of General Psychiatry, 67(*3), 304–310. https://doi.org/10.1001/archgenpsychiatry.2009.208

Courtenay, W. H. (2000). Constructions of masculinity and their influence on men's well-being. *Social Science & Medicine (1982), 50*(10), 1385–1401. https://doi.org/10.1016/s0277-9536(99)00390-1

Crewe, B. (2016). The sociology of imprisonment. In Y. Jewkes, J. Bennett, & B. Crewe (Eds.), *Handbook on prisons* (2nd ed., pp. 77–100). Routledge.

Damon, W., Menon, J., & Bronk, K. C. (2003). The development of purpose during adolescence. *Applied Developmental Science, 7*(3), 119–28. https://doi.org/10.1207/S1532480XADS0703_2

Duckworth, A. L. (2016). *Grit: the power of passion and perseverance.* Scribner.

Farrall, S., Hunter, B., Sharpe, G., & Calverley, A. (2014). *Criminal careers in transition: the social context of desistance from crime.* Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/acprof%3Aoso/9780199682157.001.0001

Farrall, S., Hunter, B., Sharpe, G., & Calverley, A. (2019). *The architecture of desistance: Exploring the role of social (dis)advantage.* Routledge. https://doi.org/10.1007/s43576-021-00028-9

Frankl, V. E. (2008a). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (36ª ed.). Vozes. (Obra original publicada em 1946).

Frankl, V. E. (2008b). *Man's search for meaning.* Beacon Press. (Obra original publicada em 1959).

Giordano, P. C., Cernkovich, S. A., & Rudolph, J. L. (2002). Gender, crime, and desistance: toward a theory of cognitive transformation. *American Journal of Sociology, 107*(4), 990–1064. https://doi.org/10.1086/343191

Goffman, E. (2008). *Manicômios, prisões e conventos* (D. M. Leite, Trad. 7ª ed.). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1961).

Heckhausen, J., Wrosch, C., & Schulz, R. (2010). A motivational theory of life-span development. *Psychological Review, 117*(1), 32–60. https://doi.org/10.1037/a0017668

Hill, P. L., & Turiano, N. A. (2014). Purpose in life as a predictor of mortality across adulthood. *Psychological Science, 25*(7), 1482–1486. https://doi.org/10.1177/0956797614531799

Hirschi, T. (1969). *Causes of delinquency.* University of California Press.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2023a). *Censo Demográfico 2022: população por idade e sexo: pessoas de 60 anos ou mais de idade.* IBGE. https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102038

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2023b). *Censo Demográfico 2022: Primeiros resultados: população por idade.* IBGE. https://www.ibge.gov.br/

Junior, L. F. D. S. F., Magalhães, C. M. C., & Carvalho, P. D. P. (2025). Perspectivas de pessoas idosas em uma instituição penitenciária na Amazônia. *REVISTA DELOS, 18*(64), e3899-e3899. https://doi.org/10.55905/rdelosv18.n64-005

Júnior, R. S. S., & Silva, S. P. C. (2022). Saúde e velhice: representações sociais de idosos encarcerados. *Psicologia e Saber Social, 11*(2), 376–406. https://www.e-publicacoes.uerj.br/psi-sabersocial/article/view/88290

Laub, J. H., & Sampson, R. J. (2003). *Shared beginnings, divergent lives: delinquent boys to age 70.* Harvard University Press.

Lima, P. V., Valença, T. D. C., Oliveira, A. S., & Reis, L. A. (2021). Idosos encarcerados: trajetória de vida à luz da teoria da memória coletiva. *Políticas e Psicologias Sociais, 3*(1), 1-20. https://doi.org/10.22456/2238-152X.118058

Maruna, S. (2001). *Making good: how ex-convicts reform and rebuild their lives.* American Psychological Association. https://doi.org/10.1037/10430-000

McKnight, P. E., & Kashdan, T. B. (2009). Purpose in life as a system that creates and sustains health and well-being: an integrative, testable theory. *Review of General Psychology, 13*(3), 242–251. https://doi.org/10.1037/a0017152

McNeill, F. (2016). Desistance: rehabilitation, reform and reintegration. In M. Durnes, & M. Kebbell (Eds.), *Rehabilitating and reintegrating people with convictions* (pp. 11–26). Routledge.

McNeill, F. (2018). *Pervasive punishment: making sense of mass supervision. Emerald Publishing.* https://doi.org/10.1108/9781787435570

Mezirow, J. (2018). *Transformative learning.* Routledge.

Minayo, M. C. de S., & Constantino, P. (2023). Idosos privados de liberdade: "a dor deles dói mais". *Ciência & Saúde Coletiva, 28*(11), 3205–3214. https://doi.org/10.1590/1413-812320232811.15442023

Ministério da Justiça. (2019). *Sistema de Informações do Departamento Penitenciário Nacional (SISDEPEN): 7º ciclo SISPEDEN* [Relatório consolidado nacional]. Departamento Penitenciário Nacional. https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/bases-de-dados

Neri, A. L. (2006). O legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. *Temas em Psicologia, 14*(1), 13–34. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005&lng=pt&tlng=pt

Oliveira, L. V., Costa, G. M. C., & Medeiros, K. K. A. S. (2013). Envelhecimento: significado para idosos encarcerados. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 16*(1), 81–90. https://doi.org/10.1590/S1809-98232013000100014

Pargament, K. I. (1997). *The psychology of religion and coping: theory, research, practice*. Guilford Press.

Pélissier, D. (2017). *Initiation à la lexicométrie: approche pédagogique à partir de l'étude d'un corpus avec le logiciel Iramuteq* (Version 6). IDETCOM, Université Toulouse 1 Capitole. https://presnumorg.hypotheses.org/files/2016/04/Initiation_lexico_Iramuteq_Mars2017_v6.pdf

Polli, G. M., Filho, S. R. P., & Apostolidis, T. (2024). Multianálise em representações sociais: classificação hierárquica descendente e análise de similitude. *Psicologia em Revista, 30*(1), 53-74. https://periodicos.pucminas.br/psicologiaemrevista/article/download/31712/23471/138038

Ratinaud, P. (2009). *IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* [Software de computador]. http://www.iramuteq.org

Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology, 57*(6), 1069–1081. https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.6.1069

Ryff, C. D. (2014). Psychological well-being revisited: advances in the science and practice of eudaimonia. *Psychotherapy and Psychosomatics, 83*(1), 10–28. https://doi.org/10.1159/000353263

Santos, C. S. L., & Nogueira, A. Z. Q. (2015). Envelhecer em contexto prisional. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 18*(1), 39–48. https://doi.org/10.1590/1809-9823.2015.14040

Souza, M. A. R., Wall, M. L., Thuler, A. C. M. C., Lowen, I. M. V., & Peres, A. M. (2018). O uso do software IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas qualitativas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 52. https://doi.org/10.1590/s1980-220x2017015003353

Steger, M. F. (2012). Making meaning in life. *Psychological Inquiry, 23*(4), 381–385. https://doi.org/10.1080/1047840X.2012.720832

World Health Organization. (2014). *Prisons and health: WHO guidelines on health in prisons and detention*. World Health Organization. https://apps.who.int/iris/handle/10665/128603

World Health Organization. (2015). *World report on ageing and health*. World Health Organization. https://apps.who.int/iris/handle/10665/186463